ESCUTAI EM SILÊNCIO

Mário Ferreira dos Santos

Escutai em Silêncio

Livraria e Editôra LOGOS Ltda.

Praça da Sé, 47 - Salas 11 e 12
Fones: 33-3892 e 35-6080
São Paulo

1.ª edição — abril de 1959

ÍNDICE

	Págs.
Escutai em silêncio	9
Poemas em Prosa	16
Credo de Dom Quixote	48
Intencionais	51
Os Escravos	57
Os Monstros Brancos .	67
Um Peregrino em Busca de Deus	74
A Certeza, a Fé e a Dúvida	85

A Humanidade Feliz .. 96
As Abelhas 106
Que te falta, para seres feliz 111
Quatro homens e o sofrimento 120
Jean Christophe e a nova consciência do mundo 134
O Nada e a Imensidão 151
Certas estranhas subtilezas 164
O Pessimismo e a Morte 178
Pitágoras de Melo e o fim do mundo 191

ESCUTAI EM SILÊNCIO (1)

"Quando, nas eras pré-históricas, um homem riscou

---

(1) Os trabalhos que compõem êste livro foram publicados há mais de vinte anos em jornais e revistas nacionais, e também em livros, com pseudônimos vários, que então eu os usava. Muitas das idéias expostas já pertencem ao passado, mas, ao conservá-las aqui, presto a homenagem que devo a mim mesmo: a fidelidade ao pensamento já vivido.

duas pedras, para delas arrancar a chispa de fogo que incendiaria um monte de fôlhas e de gravetos sêcos, ao seu lado, outro homem, de olhar maravilhado, sentia a atração selvagem da chama...

Êste homem era eu!...

Quando Leônidas, na batalha das Termópilas, caiu mortalmente ferido, murmurou suas últimas palavras ao caminheiro que o segurou nos braços: "Viandante! Vai, e dize a Atenas, que aqui

morremos em defesa de sua lei"...

Aquêle homem era eu!...

Quando Cristo, na Rua da Amargura, tombou pela terceira vez e não tinha fôrça para se erguer, um soldado romano pediu a um homem do povo que o ajudasse a carregar a cruz.

E do povo saiu Simão, o lenhador...

Era eu!...

Quando as multidões, ululantes percorriam as ruas estreitas e sujas de Paris, levando nas mãos archotes

acesos, e, clamando por vingança, marchavam para o ataque às cidadelas dos nobres, entre êles, ia um de peito descoberto, cabeça levantada, e um archote na mão...

Era eu!...

Quando Bonaparte, prisioneiro dos inglêses, despedia-se dos seus soldados para seguir para o exílio na ilha de Elba, houve um da velha guarda que chorava entre muitos que choravam, e o deus da guerra, abraçando-o, disse:

— Despeço-me em ti de todos os meus bravos camaradas!...

Aquêle soldado era eu!...

Eu estava em todos os momentos supremos da História. Em todos, aquêle que mais sofria, aquêle que mais gritava, aquêle que tinha um gesto de renúncia, um olhar de compaixão ou de ódio, era eu!...

Em tôdas as torrentes de sangue humano, eu verto um pouco do meu sangue. Em todos os momentos de ale-

gria, eu sorrio o meu sorriso!...

Homem, que vens das idades futuras, tu me encontrarás sempre em tôdas as páginas da história.

Onde houve uma lágrima para ser enxugada, uma dor para ser minorada, um apôio ao que caía, houve sempre alguém que soube enxugar essa lágrima, minorar essa dor, erguer com seu braço o desfalecido.

Êsse alguém era eu!...

Homem, que vens das idades futuras, tu me encontra-

rás em tôdas as páginas da história!

Olha bem, homem das idades futuras, que verás sempre uma figura simples que tem um sorriso para os que sofrem e uma admoestação para os que pecam.

Sou eu!...

É madrugada, há uma agonia de côres no mundo. Clareia a voz dos ninhos, respiram profundamente os bosques. Já está alto o sol, e os raios mornos aquecem a epiderme da terra. Uma vontade de ser, de afirmar-se, parece brotar de tôdas as coisas. Abre teu peito, funde-te nas coisas...

Irás além de ti mesmo, além de tôdas as coisas. Só então te encontrarás, porque encontrarás a tua verdade.

*

Aquêle gatinho que brinca com um novelo de lã, fala graciosamente em todos os seus movimentos. Não ouves o que êle diz em cada gesto, em cada salto que êle dá?

Poeta, procura ouvir o mais profundo de ti mesmo, ouvindo a linguagem das coisas, a linguagem graciosa dos

gestos, a eloqüência dos olhares magoados, os lábios que se fecham e os meneios tristes de cabeça.

Ri, ri então, para maior alegria do mundo.

*

Deixai falar os frios, os marmóreos, que procuram a vida nos conceitos, nas categorias, nas formas e nas leis. Geométricos, querem conter numa fórmula matemática a aza que voa.

Deixai falar os angustiados, os que falam de malogros, do desencanto, do desespêro. Deixai-os falar. Deixai falar os que sofreram nas carnes tôdas as dores do mundo, olhos moídos das paisagens doridas, dos ferros retorcidos e das manchas de fumo.

Há sangue nas palavras humanas sem piedade. Deixai falar tôdas as vozes, e todos os idiomas. Dizei o que não cabe em vosso peito... Falai. Queria ouvir tôdas as vozes. Que importa se fôssem

sinceras, mentirosas, que fôssem!

Do alto das montanhas, contemplamos piedosamente o mundo que é pequeno demais. Mas nas planícies, também sentimos piedade.

Nós somos pássaros que voam e vermes pelo chão.

*

Não tenho chefes nem lei. Não sou dos outros, sou de mim mesmo.

Não creio que para amar os meus irmãos precise mar-

car a minha alma com um querer organizado. Canto como o gaúcho livre, monarca dos pampas: — Índio velho sem govêrno. Minha lei é o coração.

*

Por que não hei de penetrar na minha poesia, se a minha poesia sou eu... apenas eu? Por que não falarei minha língua se outra não saberia falar, se já não seria mais eu?

Longos e estranhos são os meus caminhos, distantes, os

caminhos do mundo que eu percorrerei.

Se não te encontrar nas encruzilhadas, se ao longe não estiver teu lenço acenando, olhos voltados adiante, seguirei. Que estranha a minha paisagem, à margem dos mundos e das vidas, caminho impercorrido de mim mesmo, meu amanhã, meu sempre amanhã.

Sòzinho, que importa, solidão dos caminhos impercorridos, promessas, desilusões, anseios incontidos, desejos do sem-fim, porque tudo em nós

afirma que há um sem-fim que sempre nos atrai.

*

Sei que não podes desviar-te do problema social. Nem desejaria que o pudesses. Peço-te não deixes de ser tu mesmo, perdendo-te por entre os problemas que tu nem sequer criaste.

Teu irmão que sofre é um atentado contra ti. Ofendem-te quando outros são humilhados, és escravo quando outros escravizam... Mas

aprende a rir com as alegrias do mundo, como aprendeste a chorar com as suas mágoas.

Sombrias e apocalípticas visões te enchem de terror, estremeces ante o insondável do amanhã ou ante o mundo pétreo que vislumbras.

Não queres ser máquina entre máquinas, és muito orgulhoso de tua humanidade, e sabes que somos homens apenas quando libertamos...

*

A planta invade com suas raízes o âmago da terra, e rompe com seus braços altivos o bojo do espaço. Respira e vive, floresce e ama silenciosamente no pólem que lança ao bem-amado distante. É um amor sem objecto, sem meta, sem destino, um amor que só vive de esperanças de frutificar.

Pedaço de paisagem, não é como a mariposa que volteia, e vai para onde quer, nem como o pássaro que descreve paisagens distantes.

Criança, que choras nos braços de tua mãe, um dia pararás de chorar, e olharás com olhos maravilhados o mundo que te cerca e te sentirás sòzinha porque te sentirás tu mesma. O terror invadirá teu ser, terror do mundo que não és tu, terror de ti mesma, porque pressentirás o fim. Então, quererás invadir o arcano das coisas, perscrutar o mistério que trazes dentro de ti, e petrificarás teu terror em templos, tua dor em versos, tuas esperanças em ideais,

tuas certezas em filosofias e crenças!

E sofrerás de ti mesma e do grande amor que te concilia com a vida. E se um dia fores sábia, criança que choras nos braços de tua mãe, serás também como a planta que invade o âmago da terra, serás um pedaço de paisagem humana, que não esperará pelo pólem que vai frutificar.

Irás também para onde quiseres, e cantarás como o pássaro as paisagens vividas. E o terror que hoje mín-

gua teu coração te acompanhará nas longas viagens pelos arcanos dos mundos.

E, cavaleiro do destino, libertarás irmãos, desabrocharás sorrisos em rostos doloridos, despertarás esperanças em corações magoados, e não temerás o fim, porque tôda a tua vida justificará o fim, que é o comêço de um novo caminhar.

Que tenho que ver com a modernidade, se como homem pertenço a tôdas as eras? Não andei contigo nas planícies da Grécia, e não

sorri nos teus olhos à sombra das palmeiras, brincando com os pés nas águas do Nilo? Que tenho que ver com o calendário, se tenho, dentro de mim, um velho coração que se renova todos os dias? Tenho séculos no olhar, milênios dentro do peito, alegrias a cantar, carícias ingênuas para as coisas, um desejo incontido de amar. Que tenho que ver com a modernidade, se como homem pertenço a tôdas as eras?

Não penses que o sol não sabe qual o seu destino. Não penses que não sabe que seus raios dão vida ao mundo, às flores, aos homens, aos animais.

Por que julgas o que não entendes com tuas idéias preformadas? Despe-te das formas em que desejas te expressar. Não escolhas prèviamente o teu caminho, deixa correrem livremente os teus passos. Procura tua alma infantil, liberta de todos

os requintes e ademanes e gestos e atitudes.

*

Sem ingenuidade não poderás criar.

Tanto é verdade que as coisas te amam que elas te não resistem.

Porque pagas com o mal, o mal que te fizeram? A alegria do bem que fizeste é só tua, do mal que te fizeram para que ter memória?

Não amargures a água que bebes com gotas de fel.

*

Estira para a vida um gesto de dignidade. O que tu vales não tem medida, porque só comparando-te contigo mesmo é que te avalias. Os outros não são as tuas medidas. Tu és único, e êsse é o teu valor e tôda a tua dignidade.

*

Gosto de opor o meu rosto ao vento que sopra, fresco ou morno das manhãs frescas ou das tardes estivais.

As plantas falam quando desabrocham flores, quando

oferecem aromas e esplendores cromáticos aos homens e aos animais.

O amor que delas se expande só outras plantas podem compreender. As plantas falam quando desabrocham flores.

*

Também quero cantar a bem-amada, não quero resistir ao amor... Não sou um resistente! Os teus olhos meigos, o teu corpo junto eternamente ao meu.

Não desconfio do amor que brota em mim, nem duvido dêle, porque o sinto. Deixa tua metafísica e tua problemática. E nenhuma certeza, Descartes, é maior que a do nosso coração.

*

Não quero pensar agora, nem violentar a simplicidade do mundo com pensamentos. Que têm que ver as falsas filosofias com a alegria desta manhã de sol? Que conceitos podem dizer o que disseste com aquêle sorriso?

Não, não quero pensar agora, longe de mim medidos pensamentos.

Deixai-me... a manhã, teu sorriso, meu corpo, teu corpo, nada mais.

*

Não tenho nada que ver com os teus *ismos* cerebrais; que me importa se queres gaiolas douradas. Eu quero é viver, deixar viver a minha vida, despi-la de ressentimentos, de ódios, de angústias, de complicações.

Quero ser simples como as flôres que não criam problemas metafísicos para os campos que atapetam.

Quero ser como a água que cai das montanhas, que nem precisa de adjetivos.

*

Se vires além das coisas, fica certo, és poeta. A poesia é o desvendar a linguagem ingênua da natureza, a linguagem ingênua do coração. Inútil procurares nos complexos conceitos criados o que êles não têm.

Teu mundo de problemas, se um dia êle te falar sinceramente, verás nêle apenas um sorriso ou os braços caídos em desilusão.

*

Se queres cantas as coisas, deixa que o entusiasmo te domine, não resistas ao mais poderoso de ti mesmo. A poesia brota de nós quando nem a espreitamos.

*

A angústia dos que desejam expressar alguma coisa e não podem...

Como queres cantar se logo impões silêncio às tuas palavras? Quando escolhes o que dizer, dizes sempre muito pouco. Deixa falar teu coração, escuta-o apenas, só isso.

*

Eu sempre me afirmo quando falo a mim mesmo, e, através de mim, derramo-me por tôdas as coisas... E entendo a linguagem das coisas entre si.

Não quero intérpretes nem intermediários, sacer-

dotes descifradores de mistérios, accessórios apenas aos que não sabem ouvir.

Os poetas não sabem falar aos corações porque não deixam falar mais o coração, temem tanto parecerem sentimentais.

Temerário, surpreendo o colóquio cósmico, e a promessa do pássaro que corta o azul. As palavras são apenas sinais do que não podemos dizer.

*

Por que desejamos prender o que flui? Compreendere-

mos o vôo dos pássaros por lhe dar um nome? Não é a poesia o querer apenas desvendar o mistério?

O mistério sem fim, sem limites. Deixa a poesia extravazar-se sem limites; não a prendas em armadilhas.

Ela é como êsses pássaros que morrem quando em cativeiro.

*

Os homens ergueram orações de pedras com seus templos monumentais.

Na primavera, tôdas as plantas são orações agradecidas. Que lhes importa que roubem o pólem de sua flôres?

Iriam acaso amaldiçoar o sol que as frutifica, porque nêles os pássaros se alimentam? Por que negas o amor, se não sabes amar?

*

Nós estamos cheios de mêdo. Mas o pior de todos os mêdos é o de sermos nós mesmos. Por que não nos fi-

tarmos, e conversarmos como amigos, como velhos amigos que há muito tempo não se vêem, e que muito têm que contar?

Por que êsses gestos, êsses ademanes, porque tememos que nos espreitem e descubram a nossa sinceridade? Êles nos olham, e nos ocultamos com a máscara dos idiomas. Deixemos derramar-se a nossa alma no alívio da confissão.

*

Aquela criança, com um brinquedo nas mãos, é mais

poeta que tu, com teus problemas e aflições. O orvalho da manhã é um poema de côres irisadas.

*

As coisas são bem simples e alheias à ciência, e não rebuscam modos sábios de falar. Deixa pender tua alma confiantemente, e não a violentes com o teu querer.

*

Não, a poesia não é desespêro, desespêro de ensaios e

de experiências. Quando a alma não sabe mais o que dizer, de que valem os gestos tão bem estudados e a procura de novas fórmulas salvadoras? Nós sòmente buscamos o que já não temos.

*

A arte não tem *porque;* não vás procurar longe o que em ti não encontras. Se queres novas fórmulas para o que sentes, então te perderás.

*

Tu temes repetir e queres a novidade, como se a vida não se repetisse sempre, e não fôsse também nova cada vez. Quando teu coração falar com liberdade, com espanto verás que é sempre novo o que êle diz.

*

Minha arte não é premeditada. Minhas palavras brotam como a água das fontes. Se o que eu digo não o sentes, se tua alma não ouve a minha, não é minha a culpa nem é tua.

O abismo que nos separa não o escolhemos. Está entre nós por fatalidade, por um acaso qualquer, porque talvez seguimos rumos diferentes.

Tens mêdo do que já fomos, receias ser o que certamente és? Eu quero ouvir a voz das coisas simples, o ronco medonho do terror, e a melodia exquisita das flôres que sorriem. Quero ouvir a voz hierática das estátuas, o querer de pedra das montanhas cravadas no céu, e a promessa longínqua de

todos os sêres; quero desvendar o segrêdo dos mares hiperbóreos, percorrer campos infinitos, os desertos sem fim, e desfazer as trevas com auroras.

CREDO DE DOM QUIXOTE

Creio na sabedoria divina criadora do cosmos; creio no cavalheirismo dos libertadores de bons prisioneiros; creio no amparo aos perseguidos, e aos necessitados, ávidos de justiça e de liberdade.

Creio no orgulho ante os poderosos; na justiça ante os maus; na magnanimidade

ante os bons e os mansos, na delicadeza ante as mulheres e as crianças.

Creio na coragem; no domínio dos desejos e no amor eterno.

Creio na vida e na morte; amo as sombras dos bosques e a luz plena do meio dia.

Creio na cavalaria andante, realização suprema do homem bom e viril.

Creio que há sempre um ideal a conquistar; feiticeiros que combater, duendes que enfrentar, e monstros que destruir.

Creio na necessidade do mal para maior glória do bem.

Creio na noite para maior glória do sol, e no sol para maior glória da lua, inseparáveis amigos e confidentes dos campeadores do ideal.

INTENCIONAIS

Você se lembra?

— Você se lembra quando me disse que encontrara a felicidade? Como havia alegria nos seus olhos!

Mas, minha amiga, minha boa amiga, que lhe fêz a felicidade, que lhe fêz para estar tão triste? Diga!... Diga!...

*

Artista

Era uma vez uma noite fria, muito fria...

E o pássaro que cantou as manhãs claras, e os dias altos, que cantou os crepúsculos de ouro, e o sol, as estrêlas e a noite; que cantou nos ramos das árvores a história da sua vida, que prometeu um ninho, e que acreditou na felicidade... morreu de frio, numa noite muito fria...

... era uma vez...

*

Vida

A folha amadurecida de sol desprende-se do galho, e como uma borboleta viva, voeja, torna, sobe e desce, revira, revoluteia, cai...

*

Amor

E as amendoeiras branquearam de flôres... E do galho de um pessegueiro um pássaro cantou mais alto...

*

Água

Água das chuvas finas dos

longos invernos, água dos bagos grossos dos dias de verão, água dos montes, que jorra das vertentes, água sem adjetivos, sem imagens.

Água simples, humilde, cotidiana e boa. Água das grandes sêdes...

*

Manhãs claras

Nessas manhãs claras, de céu lavado, de nuvens brancas, esgarçadas, sentindo o cheiro bom da relva fresca, nós sorrimos para as coisas.

Sorrimos para os bois mansos que pastam, para os pássaros que voejam, para os cães que latem na lonjura. Cremos nos cambiantes verdes e nos verde-escuros das matarias, e também que os homens sejam bons.

Mas só nessas manhãs claras, de céu lavado, de nuvens brancas, esgarçadas. .

*

Riqueza dos mais pobres

Sob o céu estrelado descansa seu corpo no banco do

jardim. E não estira a mão aos que passam para pedir uma esmola! Sorri para a noite e nada tem. Mas nos seus olhos livres, êle tem os arranha-céus, os carros de luxo, as mulheres que passam, e os cães vadios que a polícia persegue.

Nos olhos êle tem tudo!

*

A Verdade

O cactus cheio de espinhos, onde jamais cantou um pássaro, deu uma flôr sedosa, amarela de sol.

OS ESCRAVOS

Olhos voltados para um céu todo pontilhado de estrêlas, deitados no chão, êles descançam.

O suor secou nos cabelos sujos, na testa empoeirada e no corpo dolorido. Os braços abertos, braços musculosos, esfregam-se com voluptuosidade no chão. Adormecem. Vozes roucas arranham o silêncio.

— Desejava ser aquela estrêla, longe do mundo, lá no céu... Um dia ainda serei aquela estrêla. Um dia... — e a voz anoitece.

— Nessas noites eu penso nos campos de minha terra, onde corria livremente à caça dos animais. O vento soprava, e eu temia as sombras, temia a noite misteriosa. Hoje não tenho mêdo de mais nada, nem da morte...

— Escravos! Cães! — uma voz grave se ouve, tonitruan-

te e enérgica — Vão dormir! Aos primeiros alvores da madrugada continuarão o trabalho.

O silêncio domina depois. Corpos mexem-se lentos. E o vento é tépido e leve.

Um escravo junta a bôca ao ouvido do mais próximo, e sussurra:

— Dormir... antes morrer... A noite é nossa amiga, por que nos dá o descanço, mas a morte também. E que pesadelos terei esta noite? E que sonhos felizes?

Sonharei com a liberdade ou com o azorrague... Dormir... Morrer... — e adormece cansado.

Aqueles peitos, que durante o dia resfolegavam, aqueles lábios, que durante o dia gritavam ao trabalho, estão calmos, silenciosos quase...

....

A lua correu pelos campos do céu, como o homem livre em busca da caça, e a madrugada lavou de luz o horizonte.

— De pé, malditos escravos!

De pé, lado a lado, cabeça baixa, olhos encovados, sujos, cansados, sempre, seguem para o trabalho. O azorrague zune no ar, e êles não gritam mais. Suspendem a respiração, claudicam no caminhar, e não levantam as cabeças.

— A trabalhar!

E, rápidos, cada um toma a sua corda!

— Vamos! Puxar!

— Eia... uh!... Eia... uh!... Eia... uh!...

E a cada interjeição, um passo para a frente, a cada passo, um esfôrço que dói nos músculos...

....

Êles já se conhecem todos. E também aqueles que já haviam tombado mortos no trabalho, ou sôbre o látego do senhor...

Mas, entre aquêles homens musculosos, apareceu, um dia, um novo escravo. Era magro, e era pálido. As mãos eram longas, e os olhos eram brilhantes, lavados...

— Eia... uh!... Eia... uh!... Eia... uh!...

— Irmão, disse êle ao que lhe estava ao lado, por que gritas?

— Porque me ajuda a trabalhar!...

— Irmão, não grites assim! Faze como eu!

E não emitiu um grito, emitiu um som... Foi uma interjeição mais longa, que percutiu nos ouvidos de todos.

— Irmão, continuou êle, ouve os pássaros, e imita-

-os... — e continuou numa dicção longa... E os passos à frente formaram o ritmo daquele som.

A princípio nem prestaram atenção à sua voz. Depois começaram a imitá-lo. Cantavam com êle. Os músculos doíam menos, as fôrças eram duplicadas por aquêles sons.

....

O escravo magro, pálido e de mãos longas, morreu um dia.

E durante a noite larga, aquêles homens cantaram o ritmo do seu trabalho pela noite a dentro... levaram o corpo do companheiro ao som das suas vozes. E enterraram-no a cantar...

— Dorme irmão! Teu corpo descansa na terra, mas teu espírito foi para os campos felizes do Senhor! Tu eras o seu filho dileto, que vieste ao mundo para suavizar as dôres dos que sofrem, para descançar os músculos dos que trabalham.

De olhos voltados para o céu todo pontilhado de estrêlas, êles cantaram, acariciados os músculos pelo vento tépido e leve da noite.

— Êle foi para aquela estrêla que brilha mais!...

OS MONSTROS BRANCOS

Ungá, o pagé dos Inganaus, deitava-se, tôdas as tardes, à sombra da palmeira que vigiava a choça, para a meditação sôbre as coisas do mundo e dos homens.

E tôdas as tardes, as crianças da tribo vinham conversar com êle, porque daqueles lábios saíam histórias povoadas de sonho e de heroísmos.

Naquele dia, um dos meninos mais curiosos de todos perguntou a Ungá:

— Dizem que o mundo é muito maior do que vêem os nossos olhos e que, atrás daqueles horizontes, existem outras terras e outros povos, diferentes do nosso. E apontava com a mão a orla azul que se perdia na distância. — Tu, Ungá, que és o mais velho e o mais sábio de todos nós, deves saber muito sôbre êsses povos e essas terras que dizem existir.

Conta-nos alguma coisa...

— Na verdade, o mundo é muitas e muitas vêzes maior que vêdes com os olhos. Tantas vêzes, que não podeis contar com os dedos das vossas mãos e dos vossos pés, nem juntando as mãos e os pés de todos vós e os de tôda tribo.

E o velho pagé, com olhos pequenos e sem vida, com voz pausada, continuou:

— Nós vivemos isolados do resto do mundo. Mas outros povos existem e até muito diferentes de nós. Há os que

possuem a pele branca como névoa de lua vermelha como o barro queimado, amarela como a herva sêca pelo sol. Há povos tão bárbaros que vivem em povoações estreitas, morando numa residência mais gente do que em tôda a nossa tribo. Enquanto uns trabalham e pouco têm para comer, outros põem fora o que aquêles produzem. Matam-se uns aos outros com armas que vomitam fogo. Em pássaros monstruosos, atiram sôbre os inimigos o fogo mortífero.

Êles são numerosos e, cada lua que passa, maior é o seu número. E não há na terra lugar onde êles não tenham ido. São os brancos como o luar. E onde êles passam, destroem os homens negros como nós, e constróem povoações, onde mal entra o sol. Não vivem como nós, ao sabor da brisa e comendo os frutos que a terra nos dá. Cobrem-se da cabeça aos pés, de panos pesados e usam pedaços de ferro para levar o alimento à boca.

Não possuem a nossa fôrça nem a nossa agilidade. São pesados, e cansam logo, mas dominam o mundo, porque possuem o fogo que queima, que mata e que destrói. Queiram os deuses que não cheguem até nós um dia.

As crianças não contiveram o espanto ao saber que existiam seres inteiramente brancos, cobertos de panos, e que possuiam armas que vomitavam fogo...

E, à noite, enquanto dormia, uma delas pôs-se a gritar:

— Pai Ungá!... pai Ungá!... Acuda-nos. Os monstros brancos vêm aí...

UM PEREGRINO EM BUSCA DE DEUS

Por uma estrada caminhavam dois peregrinos. Ao cruzarem-se, saudaram-se.

— Dondes vindes?

— Venho do norte e vou para o sul. E vós?

— Venho do sul e vou para o norte. Qual é o vosso destino?

— Venho de uma região desconhecida, onde algumas centenas de sêres humanos vivem uma vida plácida e feliz. Vou para o sul, para os países que habitais, para estudar os vossos costumes e crenças, afim de transmitir aos meus irmãos o que sabeis sôbre a vida e os homens. O que mais nos interessa é a vossa opinião sôbre um ente que adorais e que intitulais Deus. Podereis acaso informar-me onde encontrarei, entre vós, um homem sábio e conhecedor das

vossas doutrinas e que possa fornecer-me todos os elementos de que careço para um estudo completo?

— Senhor. Eu sou, não o mais sábio nem o mais experimentado entre a minha gente, mas sou daqueles que melhor conhecem as as nossas doutrinas. Poderia fornecer todos os informes que precisardes.

— Quão grato sou. Sentemo-nos, então, àquela pedra...

E à sombra de um rochedo descançaram os membros

lassos e, dos bornais, tiraram o alimento para a sua fome e, do regato próximo, a água para a sua sêde.

E assim iniciou o peregrino vindo do norte:

— A quem chamais Deus?

— Deus é para nós um ser perfeito, criador de tôdas as coisas.

— Por que é perfeito êsse ser?

— Perfeito, porque é absoluto, é o único absoluto. É um puro espírito.

— Quer dizer que êle não se assemelha a nós?

— Em carne não, mas em espírito temos algo que a êle se assemelha.

— Deus então é absoluto e perfeito e espiritual?

— Sim.

— Foi êle o criador de tôdas as coisas?

O homem do sul, com a cabeça, confirmou.

— O que considerais perfeito? Não posso compreender em que consiste a perfeição de Deus.

— A perfeição de Deus consiste em ser absoluta. Deus é omnipotente, omni-

presente, omnisciente. É o absoluto em todos os sentidos. Um ser assim tem de ser perfeito. Tôdas as suas obras são grandiosas.

— Mas, não me dissestes que êle fêz tôdas as coisas?

— Fêz, sim.

— Quer dizer que essa pedra foi êle quem a fêz?

O outro assentia com a cabeça.

— Fêz a mim, a vós, a êsses montes, a êsses campos, a tudo!

E dentro dêsses campos e dentro de tudo, tudo foi fei-

to por êle? Os animais bons e ferozes também, os insectos perniciosos, também. Tudo? E dizei-me: julgais isso perfeito?

— Tôda a obra de Deus é perfeita. Podemos julgá-la imperfeita, mas, no conjunto, ela é perfeita. A imperfeição pode parecer-nos existir numa parte, mas a perfeição existe no todo.

— Ah! Compreendo. Quer dizer que essa pedra, eu, vós, somos imperfeitos, mas o mundo onde vivemos, é perfeito?

— A sua perfeição é relativa. A única perfeição absoluta é Deus.

— Ah!... Mas como explicais que êle faça o mal, também, porque o mal existe e, se tudo foi feito por Deus, o mal também o foi?

— Deus não fêz o mal. As criaturas, por serem imperfeitas, é que o criaram na terra.

— Ah! sim, compreendo, agora. Deus é perfeito, mas as suas criaturas são imperfeitas. Deus as criou imper-

feitas. Naturalmente, êle assim o quis, não é?

— Naturalmente. Porque se quisesse criá-las perfeitas, êle as teria criado. Êle é omnipotente!

— Eu, agora, estou entendendo. Mas deixai-me fazer algumas perguntas mais.

— À vontade.

Alguém já viu a Deus?

— Neste mundo, impossível, pois Deus é um puro espírito.

— Quer dizer que Deus nunca foi visto por ninguém? — E ficou pensativo. Cofiou

a barba já embranquecida. Os olhos buscaram na distância e, virando-se, ajuntou:

— Deus é sabio... E dizei-me: Deus sofre?

— Não, Deus não pode sofrer, porque é a perfeição absoluta.

— Deus não sofre?! — Olhou espantado para o outro o peregrino do norte. — Deus não sofre! Deus é perfeito!

E permaneceu sério, pensativo, profundo. E com um brilho pálido nos olhos, ajuntou:

— Obrigado, irmão. Eu vou para a minha terra outra vez, levar aos meus companheiros o que aprendi. Poupo com vossa presença, grande parte do caminho. — E prosseguiu: — Vou dizer a êles que o deus que adorais não sonha, não deseja, não apaga esperanças, porque êle não conhece o sofrimento... só nós.

A CERTEZA, A FÉ E A DÚVIDA

Num caixão, o louco colocou os cinco ratinhos recém-nascidos.

Estava disposto a criá-los. Tratá-los-ia carinhosamente. E arrumou com palha sêca um canto onde pudessem dormir, com tanto cuidado como uma mãe rata prepararia.

— Pobrezinhos!... São órfãos. Cuidarei dêles...

E todos os dias, duas, três e até mais vêzes, levava-lhe o alimento, limpava o caixão, dava-lhes leite, papas, pedaços de toucinho.

E assim foram crescendo. Dois dêles, com o tempo, morreram. Mas os outros, graças aos cuidados maternais do louco, conseguiram vencer a morte e entraram na vida, fortes, roedores.

Roeram o caixão por todos os lados. Mas o louco não lhes permitia a saída,

porque o cercara com uma folha de ferro.

— Estudarei a vida dos ratos. Que mundo haverá aqui?... — e o louco tomava ares de sábio.

Crescidos, aquêles ratinhos, começaram a preocupar-se com os problemas da rataria. Eram dois machos e uma fêmea.

Um dêles, mais cinzento que os outros, começou um dia a dizer em sua língua aos companheiros:

— O mundo, certamente, não é só isso. Não pode

ser!... — e apontava com o focinho aos seis cantos do caixão. — Êsse sêr maravilhoso, que nos vem diàriamente dar alimento, deve ter um poder imenso, maior que o nosso, sem dúvida.

— É natural — respondeu o de pintas brancas.

— Deve existir um caixão maior que êste, imenso, onde vive o sêr maravilhoso. Êle imperará ali, pois é forte, grande e traz-nos o alimento de cada dia. Mas o que me impressiona é que possuímos dentes afilados e temos ânsia

de roer, e não podemos ir além.

— Estou contigo em parte — respondeu o das pintas brancas. Êsse ser maravilhoso deve ter um grande poder. Dizes que êle é bom. Por que não nos tira êle desse nosso mundo e nos leva para o mundo dêle?

Tenho ânsias de correr... e o espaço é pequeno. Quero ver outras coisas, fora destas. Há dentro de mim alguma coisa mais que me diz que isto aqui não é tudo.

— Não deves blasfemar contra o senhor. Lembra-te que sendo êle poderoso, êle nos conhece e sabe o que pensamos dêle. E poderia te castigar — ajuntou a ratinha.

— Qual nada!... Tenho pensado contra êle e tôdas as vêzes traz-me, como para vocês, a mesma dose de alimento... — e virou o focinho num gesto de desprêzo.

— É porque êle é bom — disse a ratinha com humildade. É prova de que êle

é bom. Podia te castigar e não te castiga.

— Qual o que?... — afirmou, num rizinho, o rato das pintas brancas. — qual nada! Êle nem sabe o que penso, o que sinto...

— Mas podes negá-lo que é poderoso? — perguntou o rato cinzento.

— Não posso!... respondeu num desconfôrto. Não duvido da sua fôrça nem do seu poder. Não dou, porém, a êle a fôrça e o poder que vocês querem dar. Porque

deixou êle morrer os outros dois que viviam aqui conosco? E tomava um ar triunfante: — Que mal fizeram a êle? Nenhum!... Portanto, o poder dêle não é tão grande. Quero sair daqui!... (tinha um ar colérico pelo focinho). Quero conhecer aquêle mundo maior onde êle vive. Quero!... Aqui sou um emparedado. O mundo não é só isso. Por que não nos deixa sair daqui?

— Sairás — disse a ratinha. Mas só quando morreres!... Os outros dois com-

panheiros nossos já foram... E foram viver naquele mundo onde vive o ser maravilhoso. É o prêmio que receberemos pelos nossos atos. Se formos bons e respeitosos, como o foram nossos irmãos, iremos, quando mortos, para aquêle mundo do Senhor. Ficaram êles aqui?

— Não!... — respondeu francamente o das pintas brancas.

— Não foram retirados por êle?

— Foram...

— Pois estão lá, no mundo daquele ser maravilhoso, que certamente lhes deu vida, que certamente os faz feliz, tendo um mundo maior, muitas coisas para roer, e alimento em abundância... Não crês nisso?

— Eu sinto que isso é verdade!... — disse o rato cinzento.

— Pois eu creio — disse a ratinha.

— Talvez tenhas razão e talvez não tenhas — respondeu o ratinho das pintas brancas.

E foi assim que nasceu a religião daqueles ratos, e com ela nasceu a Certeza, nasceu a Fé, e nasceu a Dúvida!...

A HUMANIDADE FELIZ

Era uma vez um povo governado por um monarca sábio e justo. Ninguém, naquele reino, era mais sábio e mais austero. Vivia todos os momentos e todos os pensamentos para a causa pública, unindo ao desejo de uma administração perfeita, obter a felicidade do seu povo.

— A extinção do sofri-

mento, a extinção de tudo quanto seja desagradável, fará a felicidade de todos. A infelicidade está no sofrimento. Simplesmente na dor, acrescentava êle aos mais ilustres dos seus súbditos, porque em seu reino a única aristocracia era formada pela inteligência.

E continuava: — O prazer e a dor são inseparáveis da natureza humana, como de todo o ser vivente. É a oposição que forma o substrato da própria vida. Êsse anta-

gonismo encontramos em todo o Universo.

A extinção do sofrimento nos daria possibilidades de maior soma de prazer. Todo o sonho da minha vida consiste em descobrir a maneira de extinguir a dor. E, agora, finalmente, após anos inteiros de estudo, consegui achar o processo de extermi-ná-la de vez. Nenhum ser vivente sofrerá mais. Um dôce prazer paralisará daqui por diante tôda a sensação desagradável.

Os homens serão felizes! Os homens serão deuses...

E levantando o braço direito, exclamou impetuosamente:

— Aqui está a fórmula que fará os homens felizes. É a anestesia da vida. Preparai--a, bebei-a a longos sorvos, que bebereis a felicidade. Faço desta fórmula patrimônio da Humanidade. Eu dou--a ao mundo!

....

Milhões e milhões foram os sêres humanos que sorveram aquêle líquido divino

da Felicidade. Milhões e milhões foram aquêles que fugiram do reino da necessidade para o império dos Homens Felizes.

E passaram-se os anos entre gargalhadas e entre risos, entre músicas e prazeres....

E a dor desertara da terra! A humanidade era feilz!

Tempos depois, já não se ouviam tantos risos, nem tantas gargalhadas. Na maioria dos rostos, uma impassibilidade de cera tornava os homens como egressos dos túmulos. Nada mais os fazia

gozar. Haviam esgotado todos os prazeres.

O tédio apossou-se da Humanidade. As maravilhas da vida provocavam longos bocejos. Um sorriso, meio amargo, meio triste, moldava rugas leves no rictus do rosto. Nem alegria, nem prazer, nem dor, nem tristeza.

Alguns, até, recordavam saudosos, os tempos em que a Dor morava na Terra.

Outros, mais arrojados, pediam a volta ao passado. Formou-se um partido, a princípio secreto, para forçar a

vinda dos dias anteriores, em que os homens sofriam.

Cada dia êsse partido engrossava mais as suas fileiras.

Um orador célebre afirmava da tribuna:

— Que nos vale o prazer sem a dor. Já experimentamos todos os prazeres e não somos felizes. Nós queremos sofrer, também! Bendita seja a dor que nos faz anelar com loucura os momentos de alegria. Volvamos a nós mesmos. Fujamos dessa caricatura que somos hoje. Que-

remos sofrer! Queremos sofrer!

Enclausurado nas paredes de seu laboratório, o monarca austero e sábio compreendia, também, a ânsia do seu povo. Êle também sentia a falta do sofrimento. Como anular, agora, aquele bálsamo, como?

Reuniram-se os sábios. Estudavam, envelheciam, e nada.

Contavam-se por milhares aquêles que voluntàriamente se suicidavam, ansiosos de

abandonar aquela vida sem dor.

Uma verdadeira epidemia de crimes alastrou-se pelo país. Havia quem enlouquecesse, rasgando as carnes, retalhando o corpo em busca do sofrimento. Criaturas mutiladas percorriam as ruas!

E nada!

Romperam motins! Revoltas! E nada!

Um dia o monarca disse:

— Só nos resta uma saída: Morrer! Matemo-nos! A ciência é incapaz de resolver, agora, a volta do sofrimento.

E aos poucos desapareceu aquela civilização feliz que nada deixou para os vindouros, senão uma vaga lembrança da sua presença.

AS ABELHAS

O sábio terrestre examina o enxame de abelhas, cuja organização êle considera um exemplo para os homens...

Observa as rainhas, os zangões e as obreiras. Parecem-lhe inteligentes, pois o trabalho e a criação de reservas demonstram não só uma ordem preestabelecida como também certa previsão.

Com carinho estuda a sua incipiente agricultura.

Mas o homem é inteligente, disso não resta dúvida (são os próprios homens que o afirmam) mas as abelhas e as formigas também podem ser consideradas inteligentes.

O sábio terreno, que as examina, faz essas apreciações, com método e segurança. As abelhas de hoje pouco diferem das abelhas dos tempos homéricos, mas diferem. E essa diferença apre-

senta uma evolução que merece ser apreciada.

E continua a estudá-las, com carinho e com método.

. . . .

Em sua tôrre diáfana, o sábio da sétima constelação estuda o globo terráqueo. Através da imensidade do infinito, com seus aparelhos, examina a vida dos habitantes da Terra.

E ao investigá-los, com carinho e com método, o que aliás é apanágio de todos os sábios, fornece ao discípulo estas considerações que po-

demos traduzir com estas palavras:

— Inegàvelmente êsses animalículos terrestres são bem interessantes. Apresentam fórmulas diferentes de construção, de uma variedade contrastante. São um pouco diferentes, mas vivem juntos. Deixam-se atrair muito pela luz. Vejo nos seus enxames, que os lugares mais iluminados possuem maior número dêles. Correm pelas alamedas para salvarem-se de veículos que os podem esmagar.

Parecem ter uma certa ordem na vida, mas às vêzes, vejo-os desordenados. Matam-se uns aos outros em lutas ferozes. Não os compreendo bem nesses momentos. Possuem, entretanto, uma certa evolução, pois já criam animais, já retiram da terra os alimentos, constroem máquinas... Talvez pudesse afirmar que são realmente inteligentes...

E continuou a estudá-los, com carinho e com método.

QUE TE FALTA, PARA SERES FELIZ?

Quando as roseiras desabrochavam as mais belas rosas e os pássaros cantavam as canções mais melodiosas, no morno silêncio do quarto, um jovem exclamou:

— Ó, deuses, por que não sou feliz? Por que criastes o mundo assim tão incompleto? Por que nos fizestes tão desgraçados?

E dos olhos saíram lágrimas e da garganta um soluço de dor.

Eis quando um Gênio apareceu, saído da penumbra, e pôs-se ante o jovem estarrecido.

— Não és feliz? Pois aqui estou para te dar a felicidade. Qual é a tua felicidade?

O jovem fitava apreensivo as formas quase irreais do gênio, e balbuciou:

— Senhor, eu seria feliz se tivesse, todos os dias, aquela bolsa, cheia de moedas de ouro.

— É esta a tua felicidade?

— Senhor, disse humildemente, baixando o olhar — é esta!...

— Pois a terás todos os dias. E se êsse ouro não te der a felicidade que desejas, chama-me e outra vez estarei ao teu lado para ouvir as tuas queixas.

E após estas palavras, desapareceu.

E o jovem estirou a mão para a bolsa. Sentiu-a pesada. Ergueu-a, e o ruído das moedas de ouro vibrou surdo... Abriu-o, sôfregamen-

te. E as mãos espojaram-se naquele ouro que brilhava muito menos que os seus olhos maravilhados.

E vestiu règiamente. Gastou desordenadamente o dinheiro que todos os dias enchia a bolsa. Prazeres sucederam-se a prazeres.

...E numa noite cheia de estrêlas, em que o calor abrasava os caminhos, entre o estrídulo dos grilos e o zumbir dos insectos, êle, no silêncio do quarto, chamou pelo Gênio. Êste lhe apare-

ceu, mal havia terminado de pronunciar a última sílaba.

— Aqui estou. És feliz?

E, entre assustado e triste, êle disse:

— Senhor! Êsse ouro que me deste ainda não me fêz feliz.

— Que te falta para seres feliz?

— Senhor, eu amo certa mulher que é diferente de tôdas as outras. Mas o seu olhar desvia-se do meu. Senhor, jamais serei feliz se não tiver essa mulher, minha, tôda minha.

— Pois a terás. De hoje em diante os pensamentos dela serão para ti. Ela te amará. Ela será tua. És feliz assim?

— Ó, Senhor! Assim serei feliz!

E o Gênio desapareceu outra vez. E o jovem possuiu, de corpo e alma, aquela que para êle era a felicidade.

...E, numa tarde, em que as fôlhas das árvores caíam lentas e silenciosas, êle chamou pelo Gênio, e êste lhe apareceu:

— Chamaste-me? Aqui estou. Que te falta para a tua felicidade?

— Senhor, tu me deste tudo que eu pedi. Pedi-te ouro e tu me deste. Pedi a mulher que julgava fazer-me feliz, e tu me deste. Mas ainda me falta algo para atingir o meu desejo.

— Pede e eu te darei. O que te falta para seres feliz?

— Senhor, eu queria possuir tôdas as mulheres que eu desejasse. Aí, sim, eu seria feliz!

QUATRO HOMENS E O SOFRIMENTO

Éramos quatro homens à volta da mesa e falávamos sôbre o sofrimento.

— A vida não vale a pena ser vivida...

Havia uma certa amargura negligente no tom quase abafado da voz do môço de olhar macio. Volvi, para êle, tôda a penetração do meu olhar e

sorriria se a expressão de seriedade e de admostação de Pitágoras de Melo, não contivesse meus músculos faciais. Notava naquele jovem um certo ar de resignação. Eram débeis demais seus argumentos, mas, nem por isso, deixava de prosseguir, acusando a vida das insatisfações que haviam feito morada em sua alma. Foi aí que o outro falou em suicídio. Eu me solidarizava com o silêncio de Pitágoras.

O moço de olhar macio argumentou sôbre o tédio. Ha-

via em suas palavras certos luares silhuetando ciprestes e um plágio às razões oitocentistas de Werther. Seria aquilo simplesmente uma atitude romanesca, um pouco fora de época? Deu-me vontade de o interromper com essa interpretação, citar alguma coisa, exemplificar até. Mas, comigo mesmo, houvera feito um pacto de solidariedade ao silêncio de Pitágoras. Não interromperia. E o mocinho de olhar macio prosseguiu chegando a citar Schopenhauer. Lembro-me

que Pitágoras e eu trocamos um sorriso. A vida continuava sofrendo as acusações. Para êle, ela não era mais que um amontoado de ausências.

Culpava-a. Punia-se, assim, transferindo para ela sua própria culpa. Processozinho normal. Cheguei a conjugar Freud, Nietzsche, Jung e outros. Foi quando Stefan Zweig veio à baila. Falou-se em seu suicídio, em vez de suas obras, porque o momento era fúnebre. O outro citou opiniões, interpre-

tações, o que Fulano dissera, o que Beltrano interpretara. Tanto eu como Pitágoras continuávamos fiéis ao nosso pacto silencioso. O môço de olhar macio virou-se para Pitágoras, e interrogou-o. Que desse, também, sua opinião. Que julgava do ato de Zweig?

Pitágoras remexia-se na cadeira, mas me continuava fiel.

— Foi um gesto heróico, não acha? Buscou a imortalidade num simples gesto. Essa é a minha interpreta-

ção!... O môço de olhar macio parou nessas palavras, esperando o aplauso de um assentimento geral.

Pitágoras não se conteve e rompeu o nosso pacto:

— Na realidade, se me permitem expor a minha opinião — e não esperou que ninguém apoiasse, prosseguiu: — não conheço bem o caso de Zweig, não lí, até hoje, nada do que se escreveu em tôrno de sua morte e o que sei, confesso, é o que vocês comentam agora. Sabia que se suicidara. Se di-

zem, como vocês informam, que julgam um ato de fraqueza, uns de covardia, outros de uma busca da imortalidade por um gesto, como o daquele grego ao incendiar o templo, não sei. Não penetrei na alma de Zweig para tanto, e sou sempre demasiadamente prudente para dar a minha opinião, com visos de verdade teimosa, quando não me cabem ou não disponho de elementos suficientes.

Se o suicídio, como julgavam os pitagóricos e a maio-

ria das religiões, é uma fraqueza e se, no entanto, os estóicos o justificam como um ato legítimo de vontade, não é o caso. Temo muito as opiniões preconcebidas. Não sei o que haja pròpriamente, mas sempre ante os suicidas, nem os ofendo com a minha pena, nem os aplaudo com a minha simpatia, nem os justifico com uma explicação psicológica. Cada homem é um mundo para mim, para que bitole dentro de princípios rígidos e formais o seu destino, o porquê de sua vida.

Quando há no suicida a conseqüência ou o ponto final de um lamento à vida, não nego, desprezo-o. Sempre considerei uma fraqueza êsse pessimismo de quem acusa à vida a culpa de suas insatisfações. Por exemplo: se você se suicidasse... — e apontou com o dedo o môço de olhar macio — desprezá-lo-ia. Há em você o lamento dos derrotados, que vivem a sua derrota.

Há, não há dúvida, um instinto de auto-destruição. O impulso do nada, êsse desejo

do nada, que Freud batizou com o nome de impulso de morte. Êle era um apaixonado pelo superlativo — que, para mim, era a sua fraqueza — precisamente porque Zweig queria mais do que podia... Havia naquela pletora de adjetivos uma confissão velada de fraqueza. Quando estudou a vida de Kleist, de Höderlin, de Nietzsche, foi além da realidade. Não buscou um embelezamento da vida pròpriamente. Buscou "pathos" demais para impressionar.

Chegava a ser trevoso na descrição da amargura nietzscheana. Havia muitas trevas, muitas, nos seus livros. Zweig era, em suma, um torturado por isso. E aqui, meus caros, há muita luz. E isso varava-lhe o pessimismo que nele vestia a roupagem dos adjectivos e a chuva copiosa das imagens. Os homens muitas vêzes se escondem atrás de suas palavras. E êle se escondia assim. E que direis, por exemplo, do aplauso? Zweig encontrava-o aqui. Mas êsse não era "aquêle"

aplauso. Suas obras eram traduzidas. Era o aplauso de um povo para um livro numa língua que não era a sua. Isso tudo lhe criava limites. A luz varria as trevas de sua alma. O aplauso tinha aparência de equívoco. E isso lhe doía. Tinha que doer.

Desesperado do futuro do mundo? Talvez isso fôsse nada mais que um recurso de confissão. Ou mesmo uma acomodação para fugir à confissão. Ou mesmo uma acomodação para fugir à confissão. Quantas vêzes nos

mentimos a nós mesmos. A imaginação não é uma mentira para nós mesmos? E a mentira das razões dos nossos atos não é, às vêzes, um preconceito? Porque via a destruição da Europa que amava, tornava-se desesperançado de sobreviver ao mundo destruído pelos bárbaros do século vinte? Talvez... Êsse meu talvez também, quem sabe, seja um recurso...

Zweig realizou o paradoxo de muitos autores: o de viver, alguma vez, seus pró-

prios personagens. Foi o que fêz, talvez. Não o quero ofender com uma explicação. Êle calou-se agora... E muitas vêzes um autor deve calar-se para que sua obra principie a falar...

Os lábios de Pitágoras não se agitavam mais. Seus olhos perdiam-se num olhar ausente. Desenhou com a mão um gesto suave e voltando-se para o jovem de olhar macio, disse serenamente:

— Fala agora de ti. Fala do teu desencanto, agora. Talvez haja lugar para êle...

JEAN CHRISTOPHE E A NOVA CONSCIÊNCIA DO MUNDO

Europa era luz e sombras. Já se anunciavam os incêndios que haveriam de lavar de luz os horizontes como madrugadas extemporâneas nascidas das trevas. Os "poetas malditos" cantavam seu desespêro.

Aguilhoados pela dúvida chamavam a "pálida Desdémona da morte", que lhes respondesse às angustiantes perguntas. Nos "assassinos de Deus" rebrilhava de prazer o rosto luzidio na análise das hilpóteses.

"O facho do progresso" alumiava luz e sombras. No meio daquele caos, daqueles choques de idéias, daquele emaranhado de dúvidas, daqueles desesperos cruéis, havia sòmente um homem que sabia, que afirmava, que proclamava que a luz era sombras também. Mas ouvi-lo-iam?

Os cantos simbólicos, as dolentes baladas, as imprecações condoreiras dos que amavam, dos que sofriam, dos que duvidavam, enchiam de sinfonias dissonantes a alma da Europa. "Como um vento de morte e ruína, a dúvida soprou sôbre o Universo..." Êles cantavam suas desesperanças. Mas era um canto de morte com acentos estranhos, como a voz de um exilado que clamasse pelo retôrno à terra perdida.

Viam em tudo um símbolo de morte. E os que desesperavam pediam "a noite sem têrmo, a noite do não-ser." A vaga no nihilismo passava pela Europa. Tétricos peregrinos singulares vinham das sombras, fazendo trejeitos infames.

Chamavam as almas jovens para o caminho da desesperança. E havia poetas que cantavam a Morte benvinda.

A inteligência pura da Europa debatia-se nas amarras do progresso.

O século das luzes era um

grande fogo-fátuo de promessas geladas.

O tédio era o pretexto de tôdas as revoltas surdas. O silêncio tinha algo de letal porque, para êsses desesperados, era a música calada dos passos sepulcrais da morte. Uma sinfonia de adjetivos ribombantes. Era o espasmo da inteligência que cedia, que clamava, que apelava pela destruição. Havia uma voz que gritava: Vida! Vida! Mas inùtilmente porque os ouvidos humanos, os ouvidos dos sensíveis e dos raros, debatiam-se pedindo o "abraço de Beatriz de mão gelada, a única consoladora!..."

Romain Rolland ouviu essa voz. "JEAN-CHRISTOPHE" é uma sinfonia heróica, numa vaga de desilusões. Há algo de dionisíaco na alma simples, brutal, ingênua, arrogante e altiva daquele menino que nasceu entre desencantos, perseguido pelos fariseus da cultura, desprezado pelo destino, mas que amava a vida. E amava a vida, como a vida era.

Roland fixou em "JEAN-CHRISTOPHE" o brado nietzscheano que proclamava o amor à vida quando, na Europa, se falava em marchas sepulcrais.

A derrota da França torturava as consciências puras. Nietzsche gritava que a vitória alemã não era a vitória da cultura teuta sôbre a cultura gálica. A França continuaria sendo a pátria da inteligência e da arte. Jean-Christophe Kraft trazia, no sangue, o mesmo espírito fáustico das gerações ante-

riores. Amava as distâncias, desejava-as sempre insatisfeito. A inteligência debatia-se com a realidade. O praticismo se anunciava na hora crepuscular e os sensitivos — êsses fronteiriços da loucura — gemiam ante a voragem velocíssima das imagens inesperadas. Jean-Christophe Kraft reproduzia, em sua vida, a tese das vicissitudes dos intelectuais puros; o artista solitário que busca na solidão a aproximação dos homens. Não prega o isolamento, mas a exceção. Êle

é uma exceção, numa hora em que o homem-massa, em que os filisteus da cultura avançavam, dominando tudo, impondo o mau gôsto estilizado, a estandartização das idéias, da arte e das perspectivas.

Jean-Christophe luta contra a morte. Tôda aquela promessa do progresso e tôda aquela fantasmagoria de luz eram sombras. A mentira havia se vestido de verdade para viver entre os homens. Êle alumiava inùtilmente. Suas paixões, seu ro-

mance encantador, aquela história inesquecível de Antoinette, um amor impossível porque o destino cercava-o, a compreensão serena, já na idade madura, do AMOR FATI, tornam a história dêsse livro daquelas que jamais se esquecem. Mas Jean-Christophe não é pròpriamente história. É mais: é música. É uma sinfonia de sons e de côres, de sombras e de vidas, de idéias, tôdas as que palpitam na consciência européia por sessenta anos, tôda a história conti-

nental de um fim de século de amarguras, de angústias, de inquietações, de dúvidas, de novas perguntas insistentes por respostas tardias. É um livro europeu, é um livro humano. Já houve quem dissesse que "Jean Christophe" de Romain Rolland era a maior obra de ficção que o homem criara nestes últimos dois mil anos. Pode não ser.

É contudo, uma "ode à solidão." É um grito dionisíaco à vida.

É uma aproximação do homem aos seus instintos. Um

contacto novo com a insegurídade da vida, numa inquietude doce e ao mesmo tempo dolorosa, encerrando no instante o desejo da eternidade. O homem não é êsse exilado do destino. Não é aqui o acorrentado dos caluniadores da vida. O homem deve amar seu mundo, com sua grandeza e sua pequenez. Deve sentí-lo como uma promessa de libertação e volver os olhos para a beleza de sua vida, de suas alegrias e de suas dores, de seus riscos e de suas lágrimas.

Jean-Christophe é bem uma mensagem de retôrno, de volta do homem à vida. Nenhum livro merece ser lido mais pela juventude de hoje, por essa juventude que busca uma nova interpretação do homem e do cosmos, do que êsse. "A Europa de hoje já não tinha um livro comum: nem um poema, nem uma oração, nem um ato de fé, que fôsse o bem de todos. A vergonha que deveria humilhar todos os escritores, todos os artistas, todos os pensadores de hoje!

Nenhum escreveu, nenhum pensou para todos." Essas palavras de Romain Rolland não são só para a Europa, mas para nós, também, nas Américas.

"Jean-Christophe" não é só um livro europeu, é um livro universal. Ali se agitam os mesmo problemas que nos empolgam.

São de Romain Rolland ainda estas palavras:

"Escrevi a tragédia de uma geração que vai desaparecer. Nada procurei dissimular de

seus vícios e de suas virtudes, de sua tristeza acabrunhadora, de seu orgulho caótico, de seus esforços heróicos e de seus desânimos sob o fardo esmagador de uma tarefa sobre-humana: tôda uma "soma" do mundo, uma moral, uma estética, uma fé, uma Humanidade nova a refazer. Eis o que nós fomos.

Homens de hoje, jovens, a vez é vossa! De nossos corpos fazei degraus e caminhai para a frente. Sêde maiores e mais felizes do que nós."

E para Romain Rolland a vida é uma seqüência de mortes e de ressurreições.

A vida é morte, mas também ressurreição. A antítese prossegue, volvendo à tese transfigurada. A vida é transfiguração. Da alegria falsa dos que acreditavam no progresso, do desespêro angustiado dos que previam a tortura das grandes guerras, dos entediados, dos desesperados, dos que se sentiam e se sentem exilados neste mundo, há de nascer a nova alma humana, há de

nascer a nova perspectiva, que tornarão os homens amantes da vida como a vida é, e que compreenderão a dôr como a antecâmara do prazer e a luta como o prólogo da felicidade.

Era isso o que Rolland desejava. E será isso que farão as novas gerações?

O NADA E A IMENSIDÃO

Anos e anos os homens tentaram escalar o Himalaia. Anos e anos os homens buscam conhecer e atravessar as regiões misteriosas do Saára. Anos e anos os homens gastaram para penetrar as terras do Sudão anglo-egípcio e Uganda, em busca das nascentes do Nilo. Anos e anos, exploradores, aventureiros e

viajantes percorreram e percorrem as cinco partes do mundo, para a conquista da terra. Durante anos e anos expedições sofrem os horrores do frio para trazer o polo para os homens. E anos e anos as febres e os calores úmidos do equador prometem um maior domínio da terra.

Grandiosa essa luta dos que tudo sacrificam! Grandiosa essa ciência, que vela anos e anos, na observação meticulosa do laboratório, para dizer aos homens como

se desenvolve uma simples espécie, imperceptível aos olhos humanos. E anos e anos de pensamento avassalam êsses instantes em que o homem busca o desconhecido.

À noite, as trevas estão pesadas de perguntas, arrastadas através dos espaços sem fim, perdidas sôbre as terras estranhas e enigmáticas que as trevas escondem.

O homem interroga no estranho diálogo de si mesmo. O dilema da Esfinge é o dilema humano: "Ou me de-

cifras ou deixarás de ser homem."

Montanhas de livros são escritos. Sonhos e sacrifícios, vidas e saúde gastaram-se para que o homem tivesse uma melhor compreensão do mundo, para que aumentassem um pouco seus conhecimentos sôbre a terra, sôbre a vida e sôbre o seu destino. Tudo isso é da grandeza do mundo e da grandeza do homem. A imensidão ardente do deserto saárico, as vastas pampas perdidas, a alucinação verde da amazônia ilimitada, as terras áridas do Tibet, o redemoinho dos povos amarelos, o crepitar das balas sôbre os povos inimigos da Europa, a vastidão misteriosa dos trópicos africanos, a imensidão dos mares e a imensidão dos oceanos, Magalhães, Colombo, Vasco da Gama, Bungainville, Scott, Stanley, Paes Leme, tôdas essas ânsias do ilimitado, todos êsses espaços soltos... tudo isso, tôda essa grandeza não é senão um nada ante a imensidão do universo.

O homem na terra é menos que a quinta-parte do que produz em cereais. É menos, muito menos, do que produz em petróleo, do que produz em carvão. Tôda a humanidade junta é uma pequena massa de carne e sangue, que cabe num cubo de um quilômetro. Se quiséssemos reproduzir, num mapa, a nossa terra do tamanho de uma pulga, incluindo o nosso sistema planetário conhecido, guardando as proporções, êsse mapa teria as dimensões de 25 hectares.

E, se nesse mapa, quiséssemos pôr um pontinho minúsculo, perceptível aos nossos olhos, para divisar o planetoide descoberto por Keller, o mapa teria que possuir as dimensões do continente asiático.

Nesse mapa do nosso sistema planetário uma estrêla, a mais próxima, estaria a alguns milhares de quilômetros. E essas estrêlas, êsses sóis, existem aos triliões. Comparado a êles, o nosso sol é um grão de areia em face de uma montanha. E a

terra é um grão de areia em relação à montanha do sol. Essa nossa terra, em suma, é um quase nada em face da imensidão. O homem um quase nada em face da terra. Uma célula do nosso corpo; um átomo de uma célula; um próton dêsse um átomo; grãos de areia em face de uma montanha. E todo o universo das estrêlas, do qual o nosso universo é um grão de areia em face de uma montanha, não será um grão de areia em face de outros universos que não co-

nhecemos, e que a nossa limitação não permitirá jamais conhecer? Lembremo--nos de que dependemos, no nosso conhecimento, da velocidade da luz. Milhões de anos-luz leva o brilho de uma estrêla para chegar até nós. E um ano possui doze meses, um mês 30 dias, um dia 24 horas, uma hora 60 minutos e um minuto 60 segundos. E num segundo a luz percorre 360.000 quilômetros!...

E não será nosso universo, com seus triliões de sóis, um

simples átomo de um organismo imenso?

No átomo não há um universo? Não há na célula, no homem, na Terra, no universo solar um universo?

Nos sóis das estrêlas não há um universo? Que é o "infinitamente" grande senão o "infinitamente" pequeno? Que é o "infinitamente" pequeno senão o "infinitamente" grande?

Ante isso, os nossos conhecimentos que são? O limite de nossa existência, da vida do homem neste planeta, es-

crita, já para alguns milhões de anos, não é um limite terrível gravado para o destino do homem? Êsse espaço de tempo que nos resta, ante a velocidade da luz, não nos permitirá o conhecimento dos universos perdidos na imensidão...

Que somos, então, em face disso tudo?

A pergunta estaca diante de nós sugestiva, exigente e o silêncio é a nossa primeira resposta. Seguimos com os olhos o brilho frágil das estrêlas trêmulas, temerosas

para nossos olhos, que parecem um auxílio, um apôio em nossa fôrça.

Olhamos então o céu cravejado de luzinhas, numa cúpula de nankim. Alí estão a tremer, como de frio, aquelas luzinhas esparsas. E elas são maiores, milhões, bilhões, triliões, quatrilhões, quintiliões de vêzes maiores do que nós. Mas, alí, naquela noite, naquelas trevas, naquêle silêncio, somos maiores, muito maiores do que elas, infinitamente maiores do que elas, que caberiam,

quase tôdas, no côncavo de nossas mãos.

E, humanamente, sorrimos para o nosso orgulho e, temos certeza, no brilho dos nossos olhos deve haver um gesto de aplauso e de reconhecimento para nós mesmos, e também de admiração. É por que nós interrogamos, nós buscamos saber e sabemos. E aquelas luzinhas esparsas nada perguntam, apenas afirmam o que elas parecem ser para nós.

CERTAS ESTRANHAS SUBTILEZAS

Tudo o que é profundo oculta-se, muitas vêzes, sob uma máscara, dissolve-se por entre as trevas, mergulhado nas sombras. A mentira também veste a pele de pureza diáfana. E quantas vêzes não nos perturbamos em face da verdade que nos provoca doídas decepções...

Na tarde chuvosa, as palavras de Pitágoras de Melo eram veludosas. Amaciavam os nervos. Ainda gozava aquela satisfação post-prandial de que falam os psicanalistas. Eu havia, a-pesar-de tudo, almoçado bem na casa de um amigo, e estirava sôbre Pitágoras o meu olhar descuidado. Eu era apenas ouvidos e passividade. A humidade morna estimulava-me sonolências, e o pouco ruído da rua fazia-me acompanhá-lo em suas palavras. Êle prosseguia:

— Êsse contraste da verdade bem poderia ser um manto de Deus. Por que os crentes não emprestam a êle qualidades não humanas? Poderia, por exemplo, ser contraditório. Implica, isso, acaso, negação?

Só é idêntico o que é contraditório, só é contraditório o que é idêntico. Isso não é meu, não! É de Hegel, aquêle penumbroso pensador das brumas idealistas do norte. Mas bem poderia servir a um teólogo modernizado. Pelo menos permitiria uma no-

va série de divagações inocentes e pouco perniciosas à teologia. Nós somos bem contraditórios. Quantas vêzes escondemos atrás da brutalidade dos atos bruscos, a candura da alma, de uma intenção nobre e meiga. Há gente, assim. Creia. Não custa crer nem mesmo no impossível, quando isso não faz mal a ninguém. Há gente brutal nas suas atitudes para mascarar a pureza das suas intenções. Recordo-me de um filme em que havia um dêsses pioneiros do "far-

-west", que era brusco nas atitudes, intrasigente nos atos, impenetrável aos sentimentos e afeições. Tratava a todos com uma rispidez que irritava. Se não fôra sua figura épica, garanto-te que a platéia o odiaria, num gesto mui humano de tôdas as platéias. Lá pelas tantas do filme, havia uma vaca que, na caravana, havia dado uma cria. O terneirinho berrava de fome o dia todo. O leite era para as crianças da caravana. A terra árida, a falta de pasto e de água aca-

baram por matar a pobre vaca. E o terneiro berrava de fome. Esperava-se que morresse. Pois o homem ríspido, à noite, para que ninguém o visse, para que ninguém julgasse mal a sua fraqueza, ia, às caladas da noite, oculto nas trevas, ser êle mesmo. Aquêle "si mesmo" que permanecia escondido atrás da máscara da rispidez... E lá ia êle, arrastando-se pelo acampamento, como se fôra um criminoso, tremente de mêdo em ser descoberto, levar um pouco

de leite ao terneiro. E voltava, depois, para continuar, durante o dia, a berrar contra o terneiro que morria de fome... "Morre de uma vez. Tua mãe já foi. Que estás esperando, peste?" Mas à noite, dissolvido nas trevas, ia levar o alimento ao pobre animal. Não escondia atrás da brutalidade aparente o sentimento, as suas afeições, que eram humanas? Nós temos, em nós mesmos, uma pessoa terrìvelmente inaturável: a nossa memória. É sim. Quantas vêzes ela, que

foi testemunha dos nossos bons atos e das nossas más ações, nos recorda o que fizemos? E que indiscreta se torna quando rimos, e nos recorda o que de mal fizemos? Também, às vêzes, vá lá em seu abono, recorda-nos os momentos alegres, com saudade, ou desmerece os tristes, que já passaram e que, na cronologia da nossa vida, nos enchem de satisfações atuais.

Há muita perfídia atrás dos nossos sorrisos. E quanta astúcia se esconde em nossa

bondade! O tradicional abraço... aquêle abraço do amigo urso que canta loas à nossa pessoa, que nos afaga com seu carinho astuto, para, depois, nos trair!

E aquêles que se servem da palavra para calar? Essa é uma espécie interessante. Há gente que se oculta atrás de suas palavras, como há os que se ocultam atrás de um sorriso. Há astúcia, também, no que fala muito. Nem sempre o silêncio é uma virtude utilitária. A palavra também apaga as pegadas.

Não deixa traços, confunde, desvia rumos. Os astutos conhecem bem êsse segrêdo mágico de calar-se, falando. Não respondem às perguntas.

Desviam-se. Escorregam-se pelas respostas dissimuladas. Há gestos que acompanham essas retiradas estratégicas. Sedimentam, assim, astutamente, na alma de seus amigos, a imagem de sua pessoa desejada, da impressão que estudaram dar. Há homens que têm máscaras que êles mesmos vestem inconscientemente. É uma

máscara feita por suas próprias palavras, pela impressão que causam nos outros, pelo conceito que formam e que provocam. A profundidade, às vêzes, se oculta na superfície. Há muita vacuidade que veste a pele do profundo. Vem mansamente aureolada de palavras e de frases feitas. Mas há muita verdade, também, que passa despercebida. E isso, sabe por quê? Porque a verdade é excessivamente contraditória. E muitas vêzes parece-

-se até com uma máscara, acredita.

A chuva lá fora peneirava, fino. Molhava mais. Entranhava a humidade pela minha pele. Ia até às juntas para doer. Pitágoras chupava o cigarro nos lábios finos. Mastigava a fumaça que saia lenta dos seus lábios, grossa como nuvens de chuva.

— Numa tarde assim — prosseguia — não nos é difícil pensar nas subtilezas dos homens, nesses meios tons de sua alma e que não formam nenhuma grandeza.

O homem não é grande aí. Talvez nem seja grande em coisa alguma. Talvez, até, os seus mais belos gestos escondam sua vaidade. Não se poderia, em certos casos, admitir que a virtude seja um vício capital? Ora que pensa você, não se admire que um dia os homens ainda se acusem de suas virtudes. E não se admire ainda mais: que se invente até uma religião, na qual a virtude seja um irremissível pecado. E quem nos dirá que um santo, alguma vez, não tenha te-

mido até sua santidade? "Senhor, perdoa-me ter sido bom!"

Talvez isso algum dia já tenha saído de lábios humanos. E, acredita, Deus deve ter sorrido ao virtuoso que temeu sua virtude. É que Deus conhece, meu caro, certas subtilezas da alma humana, certas estranhas subtilezas...

O PESSIMISMO E A MORTE

É um preconceito êsse de que sempre devemos ter as mesmas idéias e as mesmas opiniões. Nossas perspectivas mudam, crescem, diminuem, transformam nosso espaço ótico, que, também, se reduz, se confrange ou se adelgaça... Possuir sempre as mesmas idéias, as mesmas perspectivas, num mundo de

aparências e transformações, é uma mentira humana, por excesso de memória e derivação do menor esfôrço. Sofremos variações climáticas, do contôrno, do meio. Variações no tempo e no espaço. O homem tem feito malabarismos de dialética para convencer a si próprio e aos outros, que permanece fiel às suas idéias. No âmbito individual isso chega a exageros clássicos. Há povos que desejam estabelecer uma vontade que atravesse as gerações e as idades. Isso assume

características do heróico e atinge as fronteiras do sublime. Vida, para mim, é contradição. Por isso vida é otimismo. Hoje, no entanto, estamos assistindo uma fase de domínio do pessimismo, que avassala até muitas de nossas reações, a maior parte de nossas idéias e quer marcar nosso destino. Nem sempre é fácil ver o que é pessimismo, porque êle se reveste, muitas vêzes, da máscara do otimismo.

Depois da derrota da revolução de 1848, a Alemanha teve seus momentos de pessimismo coletivo. Nesse instante gerou Schopenhauer, que foi mais um literato que um filósofo. Isso em nada o diminui. A França de 70 encontrou, depois, em Schopenhauer, o filósofo de sua derrota. Êle traz consigo o signo de ser aclamado e lido, quando uma sociedade tem sôbre si o pêso de uma derrota. São sempre os vencidos do espírito os que encontram maiores veias emotivas e de convicções na obra de Schopenhauer. A Alema-

nha de 18 conheceu, em certas camadas de seu povo, um verdadeiro renascimento schopenhaueriano e a isso deve-se o sucesso de "Decadência do Ocidente" de Spengler, que, embora seja um livro que busca uma variante das filosofias de Goethe e Nietzsche, está todo salpicado dêsse sentimento de derrota e de pessimismo.

Hoje, estamos numa época interessantíssima. O mundo balança-se indeciso como o burro de Buridan, ante o pessimismo e o otimismo.

Êste último tem, é verdade, uma aparência doentia. O otimismo do homem moderno é uma atitude. Alimenta-se de uma ignorância desejada, de um agnosticismo rebuscado. É, em parte, o produto de um cansaço. O homem cansou de perguntar, pela demora das respostas. Ora isso não o satisfaz, porque as respostas tardam, mas o vácuo fica para ser cheio. O otimismo é simplesmente uma afirmação gratuita de que êsse vácuo não exerce mais sôbre o homem o pêso

de sua falta, nem o angustia. Mentira.

Há essa mentira palpitante atrás dos sorrisos que os artifícios emprestam. O agnosticismo não é o pessimismo vestindo a pele do otimismo? Não é, em si mesmo, uma mentira lançada sôbre a vida? A fuga das perguntas não é uma resposta! Através de anos e séculos o homem caluniou seus instintos. Isso criou-lhe neuroses que modificaram seu esquema ótico. O homem tem vivi-

do a angústia de suas insatisfações.

A sublimação tem sido, em grande parte, uma traição que o homem tem realizado contra si mesmo. A sublimação é uma traição do consciente sôbre o inconsciente. No fundo fica pairando uma insatisfação. E essa cresce nos momentos agudos. O homem deve conhecer seus maus instintos e deve dominá-los. A sublimação é um recurso que encerra, em si, enganos. O homem que não encontrou beleza em si

mesmo, buscou-a fora de si. Mas essa beleza não o satisfaz, porque ela não é o alimento para suas ânsias. O pessimismo nasce como uma estratificação de insatisfações. Amaldiçoada a vida — êsse vale de lágrimas — o homem buscou, através de séculos, a felicidade de uma outra. Hoje é agnóstico e descrente dessa outra vida, porque a mecanização do mundo turvou-lhe os sentimentos e os impulsos que o arrastavam às infinitudes; agora, que as cidades de aço

e granito lhe cortam a perspectiva para as grandes distâncias; agora que o céu desaparece sôbre as moles de cimento que se alçam às alturas, e, à noite, os focos luminosos escondem o brilho pálido da lua e o ensaio de luz das estrêlas, é natural que o homem não interrogue mais as sombras. Mas em si mesmo sobram recordações de buscas inúteis.

Há traços de caminhos perdidos, de estradas que percorreu, de picadas que levavam a recantos esqueci-

dos. Isso tudo não lhe enche de novos estímulos. Ao contrário, afoga aquêles que porventura repontem. E o homem que deveria interiorizar-se, procurando em si mesmo o céu estrelado das perguntas desejadas, busca na exteriorização de sua mecânica a mentira que lhe cubra a alma ansiosa de respostas inúteis. Por isso ressente-se de uma falta. Êle tem, no fundo, a sensação de uma falta. E o homem de hoje é um infeliz magoado de ausências, que ri.

Seu otimismo é uma grande mentira; é um dos trocos da moeda falsa da felicidade. Pessimismo é seu verdadeiro nome. Êle ri, de pessimista. Esquece, de pessimista. Sofre, de pessimista. Felizes, dirão, são aquêles que, nesse meio e nesse instante, não sentem e não sofrem a angústia dêsse conflito humano. Mas isso é outra grande mentira.

Êsses felizes escondem, atrás da máscara, a tortura que Metastásio já descreveu em suas célebres quadrinhas.

É a felicidade que se exteriorisa, escondendo o vácuo interior, a ausência de si mesmo que o homem busca, agora, na exterioridade. E essa tragédia do pessimismo moderno chama-se *civilização*.

PITÁGORAS DE MELO E O FIM DO MUNDO

— Você acha pequena coisa o mundo perder a terça parte da sua massa? — perguntou Pitágoras.

— Ante tanta imensidade, o que é a terça parte da nossa massa?

— Para a imensidade do infinito, não é nada. Mas para nós é a terça parte do nos-

so mundo. É a terça parte... — houve uma pausa entre nós. E Pitágoras prosseguiu:

— Os outros mundos, dizem os cientistas que não são habitados. Assim Vênus não deve ser habitado porque possui gaz carbônico em excesso; Mercúrio devido ao imenso calor do sol; Marte, por não possuir o oxigênio necessário, e, assim por diante todos por razões também poderosíssimas... Mas por que não admitimos que possa existir uma vida diferente da nossa, hein? Não

achas que poderia conceber-se uma vida que suportasse o excesso de gaz carbônico? Outra que suportasse as altas temperaturas? Não seria isso totalmente absurdo... Porque queremos insistir nessa preocupação eterna de que somos superiores sempre aos outros mundos?... — e parou na interrogação, fitando-me bem nos olhos.

Fiquei pensativo e disse:

— Não deixas de ter razão até certo ponto, Pitágoras.

Mas é difícil conceber-se uma vida diferente da nossa...

— Eterno antropomorfismo... interrompeu Pitágoras, sem entusiasmo.

— Seja isso ou não. Não importa. E mudando de tom: Sabes o que mais me entristece?

Uma interrogação fêz Pitágoras com os olhos.

— O que me entristece é pensar que daqui a milhões de anos a vida desaparecerá da terra. Será o mundo uma

imensa massa sem vida. Do homem não restará nada mais, senão as ruínas da sua passagem pela terra — ajuntei dolorosamente. Alguma coisa tão acabrunhadora como a emoção que a gente sente ao ver a obra das gerações passadas. As pirâmides do Egito, as ruínas dos Incas, dos Maias — minha voz perdia-se.

— ...Mas êsses — interrompeu Pitágoras com um leve franzir de testa — ao menos possuem a nós, os homens de hoje, que podem

admirar as suas obras, e nós, que não teremos quem fôsse admirar as nossas, amanhã? Que horrível pensar que um dia o mundo deixará de existir! Que horrível pensar que tôdas as grandes obras humanas foram inúteis! Que horrível pensar que as longas noites de vigília dos sábios, que as lágrimas dos poetas, que o desespêro dos artistas, que o sangue derramado de milhões, foi inútil tudo... Inútil tudo — era lúgubre o tom da sua voz:
— É horrível. É horrível!...

— Resta-nos ao menos a esperança de que isso ainda vai durar alguns milhões de anos...

— Milhões de anos... que frágil esperança para as gerações de amanhã!... — Ajuntou Pitágoras num sorriso forçado e triste.

*

Composto e Impresso
na
EMPRÊSA GRÁFICA CARIOCA S.A.
à
Rua Brigadeiro Galvão, 225/235
em abril de 1959
São Paulo

*